

Evolução da aprendizagem dos estudantes do segundo ano do Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Moreno/PE no contexto pós-pandemia da Covid 19

Adriétt de Luna Silvino Marinho

Doutoranda em Educação

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: adriettluna@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6765-8160>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9818848900909733>

Suzana Ferreira Silva Costa

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

E-mail: suzanafsilva35@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-4771-7386>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1588442438573716>

RESUMO

O 2º ano do Ensino Fundamental é uma fase importantíssima para o desenvolvimento dos estudantes rumo à apropriação da leitura e da escrita. É nesse período que as crianças precisam consolidar habilidades essenciais para a concretização da alfabetização. Nesse sentido, a presente pesquisa fez um recorte, analisando os resultados das turmas de segundo ano da Rede Municipal de Ensino de Moreno/PE, a qual envidou esforços e desenvolveu estratégias de curto e longo prazo junto aos professores a fim de minimizar as lacunas identificadas no processo de alfabetização dos estudantes devido ao distanciamento escolar ocasionado pela pandemia da COVID 19. Foram analisados os resultados das Avaliações Diagnósticas da Rede Municipal referente aos anos de 2022, 2023 e 2024. Por meio da análise documental (Ludke e André, 1986), os dados coletados foram tratados e analisados dialogando com o referencial teórico pertinente à temática da alfabetização: Ferreira (1999); Moraes (2012); Soares (2022;2023). Os resultados revelaram que em 2022 apenas 41,2% dos estudantes que concluíram o 2º ano chegaram à hipótese de escrita alfabética (eles haviam cursado o último ano da Educação Infantil e o 1º ano por meio de cadernos de atividades no período da pandemia), já em 2024 este número subiu para 68% (eles cursaram o primeiro ano da Educação Infantil por meio de cadernos de atividades durante a pandemia). Esses dados reforçam a importância da formação docente continuada e do monitoramento das aprendizagens ao longo desse processo.

Palavras-chave: Alfabetização. Lacunas na Aprendizagem. Leitura e Escrita.

1 INTRODUÇÃO

Desde a pandemia ocasionada pela COVID 19, a educação, de modo geral, encontrou inúmeros desafios para a reorganização dos currículos e das aprendizagens dos estudantes. Devido ao distanciamento social e ao impedimento das aulas presenciais em todo país, muitas crianças retornaram à escola com lacunas na aprendizagem e no desenvolvimento emocional que trouxeram uma nova problemática: a recomposição dessas aprendizagens.

Constatamos que no município de Moreno, situado na Região Metropolitana do Recife, os estudantes

tiveram seu vínculo com a escola mantido por meio de atividades não presenciais durante os anos de 2020 e 2021, retornando às aulas presenciais apenas em 2022. Diante desse contexto, havia um grande desafio relacionado à garantia dos direitos de aprendizagem uma vez que, após dois anos de escolaridade realizadas à distância através de cadernos de atividades e alguns contatos via *whatsapp* com os professores, as crianças estavam bastante prejudicadas quanto aos conteúdos de diversas áreas do conhecimento.

Nesse sentido, identificamos proposições reparadoras realizadas pela Secretaria Municipal de Educação que, através da adoção de estratégias diversificadas, buscou a superação dessas lacunas de aprendizagem. Como primeira medida reparadora, a Rede Municipal de Ensino promoveu avaliações diagnósticas em rede a fim de identificar as necessidades mais urgentes relacionadas, principalmente, à alfabetização. A partir dos resultados das avaliações diagnósticas, a coordenação dos anos iniciais do Ensino Fundamental reorganizou as formações docentes continuadas de modo a oferecer apoio aos professores no processo de recuperação e recomposição dessas aprendizagens, lidando de modo intenso e sistemático com a heterogeneidade nas salas de aula.

Diante dessas evidências, estabelecemos como objetivo geral dessa pesquisa analisar os dados das turmas do segundo ano da rede Municipal de Ensino de Moreno/PE relativos à alfabetização. Como objetivos específicos, buscamos:

- Comparar o progresso na apropriação da escrita dos estudantes do segundo ano referente aos anos de 2022, 2023 e 2024;
- Avaliar a importância da realização de avaliações diagnósticas periódicas como meio de monitoramento das aprendizagens consolidadas;
- Analisar os efeitos de uma prática docente planejada com base nas necessidades mais imediatas dos estudantes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O “ciclo de alfabetização” é o período de três anos em que as crianças devem aprender a ler e a escrever, ou seja, do 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental. Esse período tem como objetivo que as crianças construam seus conhecimentos de forma contínua, respeitando seus ritmos e formas de se expressar. No entanto, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que, até o final do 2º ano, devem concluir esse ciclo.

Apesar de sabermos da importância da leitura e da necessidade de garantirmos esse direito a todas as crianças, é preciso ter em mente que o processo de alfabetização é individual e pode variar de criança para criança. Além do mais, historicamente, existe um prejuízo quanto ao aprendizado da leitura e da escrita em âmbito nacional.

Quando o foco se volta para o Nordeste, percebe-se que há uma verdadeira discrepância entre as

crianças das camadas populares da sociedade e aquelas oriundas de classe média e alta. Essas diferenças de oportunidades e garantia de direitos refletem a injusta desigualdade social que existe em nosso país. Nesse sentido, antecipar o “ciclo de alfabetização” para dois anos não nos parece uma decisão justa e sensível às muitas realidades as quais nossas crianças, de meio popular, estão inseridas.

Quanto ao aprendizado da leitura e da escrita, Soares (2020) defende que todas as crianças podem consolidar essas habilidades. Para a autora, o planejamento deve colocar o foco na aprendizagem e, a partir daí, sistematizar o ensino, realizando uma constante avaliação sobre o que elas (as crianças) já sabem e o que já são capazes de aprender, na idade que estão.

Sobre as formas de se ensinar a língua, a partir da década de 1980, pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) deram espaço para a discussão sobre a Psicogênese da Língua Escrita. Esses estudos foram realizados a fim de compreender como as crianças aprendiam a língua escrita e o crescimento dessas discussões proporcionou um novo modo de conceber a notação alfabética e, consequentemente, o ensino do Sistema de Escrita Alfabética (SEA).

Nesse contexto, Ferreiro (1990) rompe com a concepção empirista e associacionista até então vigente e defende que a escrita alfabética não é um mero código, mas, sim, um sistema notacional. Isso quer dizer que o aprendiz elabora uma série de hipóteses sobre o que a escrita nota (ou ‘representa’, ‘grafa’) e como a escrita cria essas notações (ou ‘representações’).

Morais (2012) ressalta que a Psicogênese da Língua Escrita trouxe grandes contribuições ao ensino da língua pois enfraqueceu os métodos tradicionais de ensino (que supõem que o aluno aprende repetindo e memorizando) porque, ao formular suas hipóteses sobre a escrita, o aprendiz utiliza estratégias e reflexões provenientes de conhecimentos prévios que adquire ao longo de sua vida.

Essas contribuições teóricas têm revolucionado o ensino da língua, uma vez que se compreendem os percursos que as pessoas trilham até que se apropriem do SEA e da leitura formal. Brandão e Silva (2023) defendem ainda que, antes de aprender a ler, as crianças podem aprender a assumir a postura de leitores que pensam sobre os textos que escutam e que se esforçam em extrair e produzir sentidos.

Dessa forma, defendemos que o período destinado à consolidação da alfabetização deva ser cuidadosamente planejado, de modo a ajudar os estudantes a compreenderem e refletirem sobre a língua.

3 METODOLOGIA

Neste estudo, realizamos a análise documental (LUDKE e ANDRÉ, 1986) a fim de investigar de modo mais assertivo os dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação priorizando as turmas do segundo ano e sua evolução ao longo dos anos de 2022, 2023 e de 2024 quanto à apropriação do SEA. Escolhemos este ano escolar, por ser o ano em que as crianças já deveriam estar com o processo inicial da alfabetização bem encaminhado para, no terceiro ano, concluir o período (ciclo) de alfabetização.

Analizamos as avaliações diagnósticas de entrada e de saída realizadas na Rede Municipal de Ensino, estabelecendo um contraponto sobre os resultados obtidos em cada uma delas. Em seguida, avaliaremos os impactos ocasionados pela formação continuada na prática de ensino dos professores alfabetizadores da Rede.

Este estudo apresenta-se com natureza qualiquantitativa concebendo os procedimentos metodológicos como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade (MINAYO, 2001, p.16) pois, embora os dados coletados sejam quantitativos e estejam sistematizados em tabelas e gráficos dentro dessa perspectiva, lançamos sobre estes resultados um olhar qualitativo, analisando aquilo que está além dos números.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente, realizamos a análise dos resultados referentes ao ano de 2024, dentre os quais pudemos observar avanços e lacunas. Analisamos a taxa de participação nas avaliações, a fim de verificar se os resultados condiziam com a realidade e as variáveis nas hipóteses de escrita (os dados já haviam sido obtidos por meio da investigação pautada na Psicogênese da Língua Escrita). O quadro 1 apresenta a taxa de participação no ano de 2024 nas avaliações diagnósticas de entrada (ADE) e de saída (ADS) da Rede Municipal de Ensino.

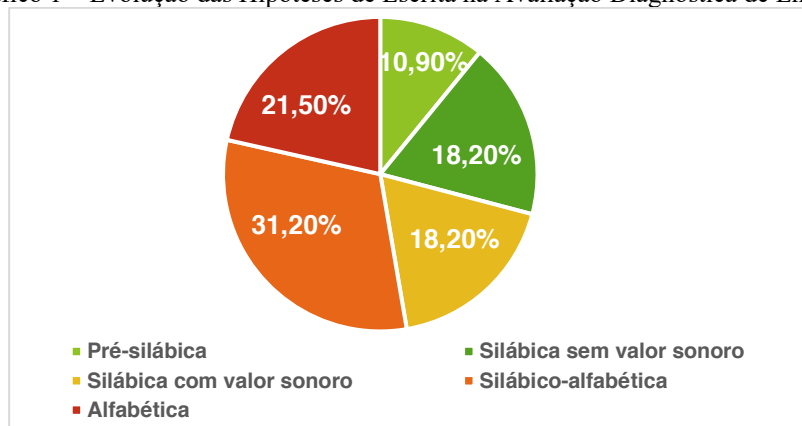
Quadro 1 - taxa de participação dos estudantes do 2º ano nas avaliações da rede em 2024

Março 2024 - ADE	Dezembro 2024 - ADS
98%	96,3%

Fonte: Autores.

Conforme podemos notar, os estudantes foram avaliados em sua maioria o que garante uma maior fidedignidade dos dados. Diante disso, iniciamos a análise da evolução referente à apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (hipóteses de escrita), cujos resultados são apresentados nos gráficos a seguir.

Gráfico 1 – Evolução das Hipóteses de Escrita na Avaliação Diagnóstica de Entrada.



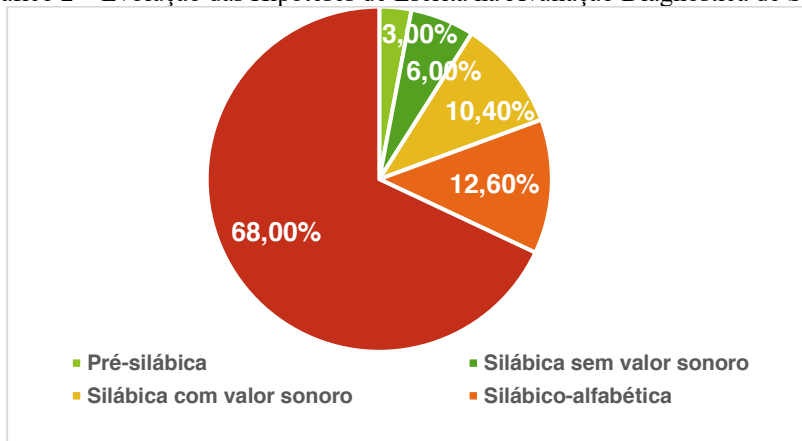
Fonte: Autores.

Conforme observamos no gráfico acima, as turmas do segundo ano no início do ano de 2024 estavam bastante heterogêneas. Em especial, os estudantes que revelaram uma escrita pré-silábica somavam quase 11% do total da Rede. Consideramos este um dado alarmante, visto que esses estudantes, em sua maioria, haviam vivenciado três anos de escolaridade entre a Educação Infantil e o primeiro ano do Ensino Fundamental.

Outro dado que nos chamou a atenção é que mais de 18% dos estudantes apresentaram ainda uma escrita silábica sem valor sonoro. Consideramos que, para que houvesse um bom aproveitamento no segundo ano, seria ideal que os estudantes já ingressassem neste ano de escolaridade tendo superado as hipóteses pré-silábica e silábica sem valor sonoro.

Através da coordenação dos anos iniciais da Secretaria Municipal de Educação, identificamos que, ao longo do ano, houve várias formações voltadas para a superação desses resultados, durante as quais, foram dadas orientações específicas para este fim. Ao analisarmos os mesmos dados referentes à avaliação de saída, percebemos um movimento bastante interessante, como podemos verificar no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Evolução das Hipóteses de Escrita na Avaliação Diagnóstica de Saída.



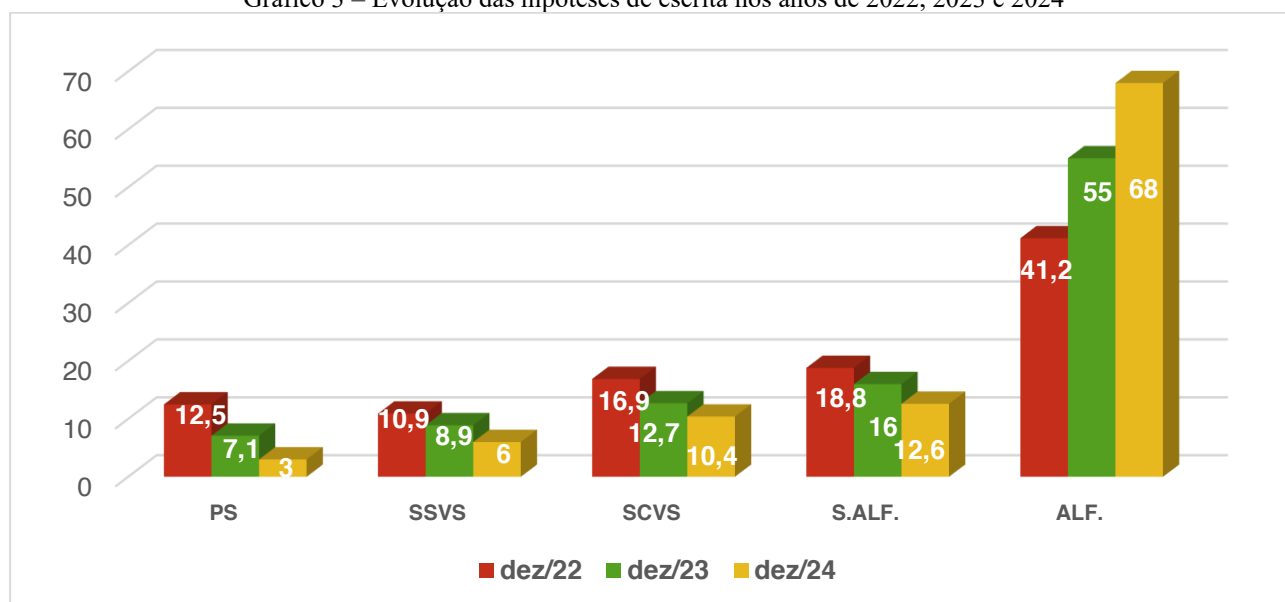
Fonte: Autores.

É expressiva a evolução desses estudantes ao final do ano de 2024. Como vemos, apenas 3% dos estudantes, que somavam quase 11% no início do ano na escrita pré-silábica, concluíram o ano na mesma fase. Dos quase 18% que apresentavam a escrita silábica sem valor sonoro apenas 6% não conseguiram evoluir. Outro dado que nos chama atenção é que 68% dos estudantes concluíram o segundo ano com uma escrita alfabética. Esses resultados evidenciam que o desenvolvimento de uma prática pedagógica respaldada na identificação das reais necessidades de aprendizagem dos estudantes e que possua metas definidas a serem alcançadas em cada ano de escolaridade produzem resultados significativos de aprendizagem.

Embora reconheçamos o salto qualitativo ocorrido ao longo do ano, entendemos que seria importante que os 9% de estudantes que concluíram o ano nas hipóteses pré-silábica e silábica sem valor sonoro já tivessem superado tais hipóteses.

A fim de aprofundar nossa compreensão sobre as investidas da Rede Municipal de Ensino junto aos professores no intuito de recompor as aprendizagens, decidimos analisar os resultados obtidos no ano de 2022 (logo após a pandemia, quando os estudantes do segundo ano só tinham frequentado a escola na idade de 4 anos e retornaram em 2022, com a idade de 7 anos já no segundo ano) e no ano de 2023, cujos estudantes não tinham vivenciado a Educação Infantil, mas haviam cursado o 1º ano do Ensino Fundamental de forma presencial, na escola. Os resultados comparativos entre os três anos são apresentados no gráfico 3 abaixo:

Gráfico 3 – Evolução das hipóteses de escrita nos anos de 2022, 2023 e 2024



Fonte: Autores.

Os resultados comparativos acima apontam pra uma crescente evolução dos estudantes nas hipóteses de escrita ao longo dos anos observados. Considerando que no ano de 2022 os estudantes do segundo ano não tinham vivenciado as experiências escolares de modo presencial nem na educação infantil Grupo 3 – 5

anos e nem no primeiro ano, é notório o déficit dessas crianças com relação à apropriação da escrita alfabética. Percebemos, neste ano, que 12,5% concluíram o ano na hipótese pré-silábica, sinalizando um grande desafio a ser superado pela Rede Municipal de Ensino. Outro dado alarmante, ainda no ano de 2022, foi o grande percentual de estudantes na hipótese silábica sem valor sonoro (10,9%) aumentando ainda mais a necessidade de recompor as aprendizagens desses estudantes no ano seguinte.

No ano de 2023, os estudantes do segundo ano, haviam cursado o primeiro ano de forma presencial e já contavam com a perspectiva de recomposição das aprendizagens por meio das medidas reparadoras instituídas pela Secretaria de Educação. Como resultado, já podemos perceber que, em 2023, houve um melhor aproveitamento relacionado à compreensão do Sistema de Escrita, pois, 7,1% dos estudantes concluíram na hipótese pré-silábica e 8,9% na silábica sem valor sonoro. Percebemos que o cenário, embora ainda desafiador, começou a se tornar mais ameno, somando 16% dos estudantes nessas referidas hipóteses.

Quando nos debruçamos sobre os resultados do ano de 2024, observamos que o movimento de recuperação e reparação das aprendizagens se tornou mais evidente, uma vez que, somando as hipóteses pré-silábica e silábica sem valor sonoro os resultados apontaram 9% dos estudantes. Olhando atentamente, na hipótese pré-silábica, havia apenas 3%. Um ponto relevante é que 68% das crianças concluíram o ano na hipótese alfabética.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das análises, percebemos que as práticas docentes mediadas pelas investidas de formação continuada foram essenciais para a evolução dos estudantes. Nesse aspecto, Marinho (2020) chama atenção para a necessidade do professor ter clareza quanto ao que quer obter ao planejar suas aulas, nesse caso, é importante que se trace um caminho de modo a conduzir o ensino sistemático e que promova a reflexão sobre a língua.

Consideramos que as decisões tomadas pela Rede de Ensino constituíram-se um diferencial que interferiu significativamente nos resultados obtidos no período de 2022 a 2004. Ao investir em uma reestruturação da formação continuada, como também na definição de metas claras e acessíveis ao professor alfabetizador houve um redirecionamento da prática pedagógica culminando em resultados de aprendizagem muito satisfatórios.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- BRANDÃO, A. C. P.; SILVA, A. da. Ajudando a compreender textos escritos: por que começar na educação infantil?. Cadernos de Pesquisa, v. 53, p. e09455, 2023.
- FERREIRO, E. A escrita... antes das letras. In: SINCLAIR, H. A produção de notações na criança: linguagem, número, ritmos e melodias São Paulo: Cortez, 1990.
- FERREIRO, E.; Teberosky, A. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- MARINHO, A.L.S. Ensino do sistema de escrita alfabética na educação infantil: o que priorizar?. In: DICKMANN, I. Ciranda de saberes. 1.ed. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001
- MORAIS, A.G. Sistema de escrita alfabética. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.
- SOARES, Magda. Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.